

EDITORIAL | VOL. 11 – N° 1 – ANO 2013**AGORA SOMOS O AMANHÃ! NOVAS PERSPECTIVAS A FRENTE DA TRAJETÓRIA DE 10 ANOS DA REVISTA HABITUS**

A angústia por não saber como começar... A dificuldade em encontrar as palavras mais adequadas para exprimir ideias ainda confusas... A tentativa de organizar o enorme fluxo de vozes que ecoam por seu pensamento ou, pelo contrário, o total silêncio em sua cabeça. Ao fim de alguns minutos, horas (ou até mesmo, dias), elaboram-se as primeiras frases e logo surgem novos dilemas, hesitações e recomeços. É preciso escrever, ler, reler, reescrever e revisar até que as palavras soem daquela forma familiar, como se já estivessem escritas em nós antes que fossem colocadas no papel - até que o rude rascunho se transforme em um artigo!

Certamente, muitos jovens estudantes da área das Ciências Sociais já vivenciaram esta situação ao se colocarem diante de uma página em branco para produzir os seus primeiros trabalhos acadêmicos. Ao longo da elaboração de um texto surgem questionamentos e deflagram-se pequenos conflitos que podem tornar a experiência da escrita desafiadora e desconcertante. Escrever é, sem dúvida, um exercício intelectual importante, mas é preciso enxergá-lo como um momento de um contexto mais amplo que vai da aprendizagem à produção de conhecimento.

Após enveredar-se por diversas leituras, o estudante amplia seu horizonte de reflexão - sua visão sobre o mundo se torna mais apurada. Aventura-se, então, em discussões consigo mesmo e com os outros. Começa a confrontar perspectivas e a fazer perguntas. Procurando pelas respostas, inicia novas leituras e explora novos universos sociais, por meio de um trabalho de pesquisa sistemático e organizado ou caótico e desordenado. Deixando rastros no caminho, as ideias que resultam desse processo são estruturadas nas linhas de um texto, que ao ser lido por outros estudantes é reinventado no quadro de outras reflexões. Em síntese, no movimento de realização desses primeiros trabalhos, o estudante vai travando um diálogo com o conhecimento das Ciências Sociais, contribuindo para sua constante dinamização e renovação.

Essa breve descrição caracteriza em traços gerais a atmosfera de incertezas e empolgação que envolve o universo da graduação em Ciências Sociais, no qual a *Revista Habitus* surgiu - criada por três jovens estudantes que idealizaram um espaço para a publicação dos trabalhos de graduandos dessa área.

É imensa a responsabilidade de escrever o editorial desta edição, já que a *Revista Habitus* está comemorando 10 anos de existência. E como em qualquer aniversário não podemos deixar de fazer um retrospecto; de traçar acontecimentos e reminiscências; de estabelecer metas e objetivos; de reconhecer erros e acertos. Muitas foram as transformações, dificuldades e conquistas pelas quais passamos. E independentemente de terem sido positivas

ou negativas, boas ou ruins, foram reconhecidamente necessárias para o crescimento da Revista, como também para o aperfeiçoamento pessoal e intelectual de todos aqueles que de alguma forma participaram dela seja como: autor (a) de artigo ou resenha, entrevistado (a), parecerista, conselheiro (a) ou membro do comitê editorial. É também com muito orgulho que escrevemos este editorial, sobretudo, porque ele comprovadamente atesta a publicação do nosso 11º volume, que ao contabilizarmos com edições anteriores soma: 119 artigos, 16 entrevistas e 3 resenhas. E igualmente, a nossa participação em um empreendimento grandioso: a expansão das Ciências Sociais no Brasil e no mundo.

No decorrer dos anos, as mudanças pelas quais passamos refletem um constante esforço de renovação. Desde a quantidade de artigos, visto que atualmente não publicamos menos de 10 por edição, até a reformulação dos nossos manuais de procedimentos editoriais. A partir do ano de 2009 as publicações deixaram de ser anuais e se tornaram semestrais na busca por absorver o crescente número de trabalhos submetidos. Fomos do HTML (*Hypertext Markup Language*) ao OJS (*Open Journal Systems*), sistema que nos permitiu aprimorar o processo de publicação de artigos e o gerenciamento da revista como um todo. Tornamo-nos, ao longo dos anos, uma revista de dimensões nacionais – e porque não internacionais, como poderão ver na entrevista com Christina Toren, professora da University of St. Andrews, Scotland. Passamos a aceitar artigos de graduandos de Ciências Sociais de diferentes universidades e procuramos correspondentemente atender tal diversidade ao contarmos com a colaboração de pareceristas de todo Brasil. Para estabelecer um canal vivo de comunicação entre a Revista e os estudantes, atuamos nas redes sociais, projetando nosso periódico para públicos mais amplos. Procurando uma articulação cada vez mais estreita com o ambiente da graduação, no presente ano iniciamos a organização de eventos por ocasião do lançamento das edições, promovendo seminários com professores e possibilitando que estudantes exponham seus trabalhos.

Entretanto, se a cada edição a revista adquiriu uma nova feição, algumas características permanecem. Nesse sentido, uma de nossas principais marcas é trazer à tona a multiplicidade de temas e perspectivas que os trabalhos publicados apresentam, traduzindo a diversidade que permeia o universo da graduação. Configurando um grande mosaico de trabalhos, colocamos em evidência a criatividade e a ousadia das contribuições de jovens pensadores e pesquisadores das Ciências Sociais.

Descobrimos, diante da qualidade do que é publicado pela *Revista Habitus*, que muitos artigos serviram e servem como referência bibliográfica para outros artigos, bem como para monografias, dissertações e teses. Fazendo, assim, com que uma ideia tenha vários desdobramentos; com que uma resposta crie novos questionamentos. Percebemos, portanto, que a *Revista Habitus* não é um “estacionamento” de artigos, mas um “cruzamento”, um ponto de intersecção onde os conhecimentos estão em movimento constante. Ela não é o fim, mas a continuidade, ou até mesmo, a descontinuidade de uma trajetória. Um caminho que se faz fundamentalmente pelo trânsito e pelo deslocamento. Além de ser um espaço para divulgação, é também um espaço para realização de pesquisas e consultas referenciais; e porque não, um

espaço de encorajamento, já que também nos sentimos capazes de sistematizar o conhecimento que produzimos quando vemos um colega, com o mesmo nível de formação que o nosso, produzir argumentos tão brilhantes e enriquecedores.

É preciso muita coragem para submeter um artigo a procedimentos editoriais porque lidamos com prováveis rejeições, críticas e divergências em relação ao que escrevemos. Não só pressupostos teóricos estão em jogo, como também sentimentos, que são atenuados ou aguçados ao sabor ou dissabor de circunstâncias que não podemos controlar. Como membros de comitê editorial percebemos que além de questões epistemológicas e metodológicas, há aquelas eminentemente éticas não só relacionadas com seriedade com que devemos tratar um artigo, mas também com o nosso compromisso em manter a *Revista Habitus* como espaço plural, inovador e contemporâneo. Um lugar que dê visibilidade para produções que tem comprometimento não só com o que é acadêmico, mas, sobretudo, com o que é social e político. Um ambiente no qual os artigos são muito mais do que artigos. São, sobretudo, os resultados das lutas, que nós graduandos, empreendermos para ter o reconhecimento que tanto almejamos no meio acadêmico.

A presente edição marca o fim de uma jornada de 10 anos de trabalhos editoriais e a continuidade desta trajetória que certamente nos colocará diante de novos desafios nos anos que se seguirão. Diante deste quadro é com enorme satisfação que vemos, mais uma vez, os esforços de meses de dedicação e trabalho se transformarem em mais uma edição.

Este primeiro número do décimo primeiro volume da *Revista Habitus* reúne variados trabalhos, a começar pelo artigo “[Idealismos Brasileiros e uma discussão sobre o pensamento de Rui Barbosa](#)” escrito por Leonardo Octavio Belinelli de Brito no qual a partir de uma revisão das críticas de Oliveira Vianna e Lamounier às obras de Rui Barbosa, o autor analisará a conturbada relação Estado e Sociedade, dando especial atenção aos idealismos que permeiam o pensamento político e social brasileiro.

Em seguida apresentamos o artigo elaborado por Filipe Barreiros Barbosa Alves Pinto e Rômulo Santos de Almeida. Articulando uma análise que atravessa o pensamento de autores fundamentais das Ciências Sociais - Kant, Weber, Adorno e Horkheimer –, o artigo discute as diversas interpretações sobre o uso da razão, enfatizando a maneira como tais interpretações deslocam-se entre polos opostos, como é sintetizado em seu título: “[Razão, emancipação ou controle? A proposta de discussão feita por Adorno e Horkheimer](#)”.

Partindo de questionamentos a respeito da interferência do ambiente acadêmico sobre os trabalhadores de uma instituição educacional no que diz respeito as suas expectativas educacionais e ao seu consumo cultural, Rodrigo Dias saiu a campo para realizar uma investigação. Os resultados desta pesquisa são desdobrados e problematizados no artigo “[A influência do ambiente acadêmico sobre os trabalhadores do IFCS](#)”.

O artigo da estudante Lorena Miguel, “[A Norma Jurídica e a Realidade do Sistema Carcerário Brasileiro](#)”, apresenta uma análise das diferentes características do sistema www.habitus.ifcs.ufrj.br

carcerário do país, focando na Lei de Execução Penal (LEP) e sobre os direitos e garantias fundamentais da Constituição.

Em “*Fantasma Existem?: A Aparição da Música de Protesto no Pagode Baiano*”, o autor Maycon Lopes nos traz uma reflexão sobre a fase inicial do grupo musical Fantasmão, invocando igualmente as inovações produzidas dentro do pagode baiano.

O artigo do estudante Bernardo Salgado, “*O Capitalismo e suas Crises, Contradições e Superação*”, aponta para a insustentabilidade do sistema capitalista pautado na sua própria reprodução, limitação e contradição, que conserva e intensifica a desigualdade socioeconômica e a concentração de capital.

No artigo “*Da invisibilidade à denúncia: o uso discursivo do conceito de violência e seus efeitos*”, Patrícia Marcondes Amaral da Cunha, partindo da análise de uma campanha do governo estadual de Santa Catarina de combate à violência sexual de crianças e adolescentes no ambiente doméstico, nos oferece uma rica abordagem acerca do conceito de violência, bem como dos efeitos que a denúncia desse tipo de violência acarreta.

Daniel Ferreira Wainer em “*Oracy Nogueira e o estudo das relações raciais*”, apresenta referências bibliográficas praticamente desconhecidas de um dos mais notórios estudiosos da realidade racial brasileira. O artigo tem como objetivo não só trazer novas reflexões sobre Oracy Nogueira como também sobre a complexidade das relações raciais no Brasil.

O artigo de Leonardo Silva apresenta o panorama do debate acerca do sistema político brasileiro contemporâneo a partir de uma revisão bibliográfica. A análise - que direciona um olhar mais atento para a questão do uso de medidas provisórias, problematizando o seu impacto na dinâmica da construção da democracia brasileira -, resultou no artigo “*Entre a governabilidade e a inconstitucionalidade: uma análise da democracia brasileira pós-1988*”.

Em “*Não nos representa! Imanência e transcendência na ontologia política do Ocupa Rio*”, Caio Pereira Lobato faz uma análise do movimento carioca e dos significados intrínsecos a sua cosmologia política, que estão para além da tríade de relação comando-odediência, coerção e representatividade. Assim apresenta duas tendências político-ontológicas, imanência e transcendência; a primeira tendo como características autonomia e horizontalidade e a segunda soberania e representatividade.

Na resenha do livro *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição*, Lília Maria Silva Macêdo discorre sobre como os autores dos artigos dessa coletânea abordam a categoria juventude e as formas como os jovens percebem a passagem para a vida adulta, tomando marcos como a entrada no mercado de trabalho, a saída da casa dos pais e a paternidade/maternidade.

Ao longo desses 10 anos de Revista, muita coisa mudou nas Ciências Sociais. Entre essas transformações, podemos citar os crescentes debates sobre a oposição Natureza e Cultura, e também as críticas formuladas ao uso dos conceitos de Sociedade e Cultura. Para tratar desses

debates, entre outros, entrevistados para essa edição a antropóloga Christina Toren, professora da University of St. Andrews. Graduada em Psicologia pelo University College London e doutora em Antropologia Social pela London School of Economics, Christina propõe o diálogo entre disciplinas como Psicologia, Antropologia e Filosofia, e desenvolve suas formulações principalmente a partir de pesquisas de campo em Fiji.

Por fim, não podemos deixar de registrar nossa gratidão a todos os professores que colaboraram com a avaliação dos trabalhos que compõe esta edição tão especial. Nossos agradecimentos são para os professores: Alvaro Banducci Junior, Carlos Alberto Lopes de Sousa, Christian Edward Cyril Lynch, Cláudio Novaes Pinto Coelho, Cristiana de Azevedo Tramonte, Cristina Buarque de Hollanda, Cybelle Salvador Miranda, Eduardo Martins de Lima, Fernando Cordeiro Barbosa, Francisco Rüdiger, Georgina Gonçalves dos Santos, José Geraldo Alberto Bertoncini Poker, José Glebson Vieira, Leandro de Oliveira Galastri, Luís Antonio Groppo, Luiz Antônio Machado, Maria Carla Corrochano, Maria da Graça Jacintho Setton, Maria do Socorro de Souza Vieira, Maria Laura Cavalcanti, Melissa de Mattos Pimenta, Nilton Júnior, Osmundo Santos de Araújo Pinho, Paulo Magalhães Araújo, Patrice Schuch, Renato da Silva Queiroz, Sônia Sampaio, Tania Teixeira Laky de Sousa, Thadeu de Sousa Brandão, Victor Leandro Chaves Gomes, Vitor Emanuel Marchetti Ferraz Junior.

Desejamos uma boa leitura! 📖

Comitê Editorial | Revista Habitus – IFCS/UFRJ